

Autor Proprietario - Francisco Sales Aredo

# O Caçador Zé Caetano e a voz do Pai da Mata



Autor proprietário:  
Francisco Sales Arêda

## O Caçador Zé Caetano e a voz do Pai da Mata

Contou-me um Piauiense  
Homem que nunca mentiu.  
Que estando de viagem  
Onde arrachou-se, dormiu  
Saiu de lá pensativo  
Com u'a história que ouviu

A história foi passada  
De uma maneira exata  
Isto já faz muitos anos  
Mas ainda se retrata  
O Caçador Zé Caetano  
E a Voz do Pai da Mata

Esse caçador viveu  
A muitos anos ali  
Tirando abelhas e caçando  
Com resultados pra si  
Era a visão do deserto  
Nas matas do Piauí

Passava 3 quatro dias  
Nas matas frias do norte  
Com u'a boa espingarda  
Foic e facão bom de corte  
Na profissão arriscada  
Enfrentava a propria morte

Seu único amigo era um cão  
Adestrado na caçada  
Veado, Paca e Tatá  
A lombo preto e pintada  
Qualquer animal feroz  
Temia a sua parada

E nesse arriscado esporte  
Zé Caetano todo dia  
Fazia sua caçada  
As vezes por lá dormia  
Mas sempre constantemente  
Boa caçada fazia

Nesse vai e vem da sorte  
Ora bem ora mal  
Zé Caetano com seu cão  
O destemido animal  
Fazia o bruto convívio  
No leito do matagal

Assim uma madrugada  
Zé Caetano levantou-se  
Muniu-se de suas armas  
Pra caçada destinou-se  
Foi convidar o seu cão  
O animal acou-se

Ele fez-lhe mil agrados  
Mostrando todo carinho  
O cachorro se deitava  
E grunhia bem baixinho  
Como quem dizia o mal  
Nos esperã no caminho

Zé Caetano aperrriu se  
E disse: muito zangado  
Que diabo tem esse gôzo  
Que era tão animado  
E hoje quanto mais chalo  
Mais ele fica acado

Foi buscar u a corrente  
Laçou o saiu paxando  
Até que ele amirou-se  
E segiu le acompanhando  
Porem ali acolá  
Sempre emperrava rosnando

Zé Caetano entrou na mata  
Seis e meia da manhã  
Soltou o cão e filou-o  
Com ordem severa e sã  
o cão segiu vaqueijando  
Pelo sope de u a chá

Caetano ali preparou-se  
Pra começar a caçada  
Não caminhou 20 passos  
Ouvu u a gargalhada  
Que tremeu toda folhagem  
Daquela mata feixada

Ele empunhou a espingarda  
Sem faltar disposição  
Preparou todos cartuchos  
E atacou o cinturão  
Com u a foice a tira colo  
Do outro lado o facão

Nessa era um passarinho  
De feitio descomunal  
Pulava ao redor dele  
Com um gansado infernal  
Riscava a aza no chão  
Que voava o folharal

Ele passou-le a espigarda  
Que o fumaçeiro cobriu  
Nisto outra gargalhada  
Pela mata retiniu  
E a voz rouco gritou  
Zé Caetano você viu?

O passarinho riscando  
Pelo seus pés entrançou  
Zé Caetano novamente  
Ostro tiro detonou  
A voz tornou a gritar  
Foi baetano nem pegou

Ele disse: hoje eu mate  
este espirito de cigano  
Deule um tiro a queima brava  
Que quase encostava o cano  
A voz gritou novamente  
Nem ti ligo Zé Caetano

Ele deu outra descarga  
No passarinho assombroso  
O bicho riscou nos pés  
Com um piado fanhozo  
E a voz tornou gritar  
Hei e não seja teimoso

Mas ele não convenceu-se  
Verqo o passaro pular perto  
mpurrou outro cartucho  
fazendo agora eu scerto  
f eu um tiro que abalou  
o meio daquale dezerto

Passaro inchou como sapo  
fazendo um gargarêjado  
buceou pra diante pra traz  
ficou e ficou flozado  
e a voz gritou mete bala  
Que não estou nem veixado

E assim continuou  
só inchado e atrando  
No quebrar da espoleta  
só via o passaro rodando  
E a voz gritar dizendo  
su não esteu nem ligando

Zé Ceiliano já nervozo  
O Cebeio arrepiado  
Diz pra consigo: este passaro  
é um misterio encantado  
Dixor que e caminhou  
Deu no co. mate feixado

Seu cael erro que estava  
Muito longe vaqueijando  
Chegou corrido assombrado  
Arrepiado e rosnando  
Come e a va vendo  
Um bielo le ensultando

Dessa vez o caçador  
Já quase fora de si  
Entrou pela mata adentro  
Só ouvindo a voz ali  
De vez enquanto gritando  
Zé Caetano olhe eu aqui

Assim o dia todinho  
Ele no mato seguindo  
Sem atinar pra onde ia  
E a voz le perseguindo  
Aqui acolá gritava  
Zé caetano estou tinindo

O vento assoitava as arvores  
Com tremendos estampidos  
O cachorro junto a ele  
Aguçava os ouvidos  
Com o cabelo arrepiado  
Soltando fortes granidos

Depois a noite caiu  
Per dentro da mata escura  
Zé Caetano e seu cachorro  
Nesta situação dura  
Parou num grande talhado  
Quase em ponto de loucura

Descançou mais de u'a ora  
Procurando atinar  
Pra onde ficava a caça  
Mas sem poder asseitar  
Depois a promou um pouco  
E continuou marchar

Era quase meia noite  
No meio daquele deserto  
Zé Caetano ouviu de novo  
A voz gritando bem perto  
Olha eu aqui Caetano  
Pode vir que não me aperto

Ele pensava consigo  
Este misterio é um drama  
Com esta voz rouca e feia  
Que de vez enquanto chama  
No meio deste deserto  
O mais triste panorama

O cachorro em seus pés  
Com a cauda entre as pernas  
Grunia como as corujas  
Na frieza das carverias  
Nisto surgiu duas tochas  
Bem clara como lanternas

Uma delas levantou-se  
Cortando pelo espaço  
A outra entrou pela mata  
Nas arvores dando arregasso  
Nisto a voz gritou bem perto  
Caetano lá vai mormesço

Nessa ora Zé Caetano  
Sentiu fugir-lhe a razão  
Quando viu a outra tocha  
Subir igual um balão  
Bruzou a outra nos rês  
Desceram as duas pro chão



Uma ficou atraz dele  
Sem longe se balançando  
A outra ficou na frente  
Como quem estava esperando  
Zé Caetano ouviu ali  
Duas vozes combinando

Um vento forte soprava  
Da mata não resistir  
A voz gritava lá vai  
Não deixe o homen fugir  
A outro lá respondia  
Está seguro deixa vir

Zé Caetano nessa hora  
Disse consigo: eu me acabo  
No meio deste deserto  
Hoje a porca torce o rabo  
Mas não dou cisma o azar  
Nem tenho medo de brabo

Por u'a estreita verêda  
Kle começou seguir  
Naquela ora apertada  
Sem ter pra onde fugir  
As duas vozes gritando  
Lá vai ele: deixa vir

Zé Caetano olhava atraz  
Via a tocha acompanhando  
E a da frente também  
Pro lado dele marchando  
E de vez enquanto as vozes  
Na frente e atraz gritando

Lá vai o Homem segura  
Não deixa ele passar  
A da frente respondia  
Empurra pra não voltar  
Zé Caetano poz-se em pé  
Elas pararam de andar

Fle ali imaginou  
O que devia fazer  
P'ra se livrar do perigo  
Ou do contrario morrer  
Tinha mesmo que enfrentar  
Para ganhar ou perder

Empunhou a espingarda  
Pachou p'ra frente o facão  
Gritou para seu cachorro  
Vamos embora Tubarão  
E foi encontrar a tocha  
Que parecia um balão

Nisso a voz gritou atraz  
Segura o Homem agora  
A outra gritou na frente  
Pode vir que está na ora  
Caetano disse consigo  
Vou me acabar sem demora

No meio daquela afrição  
Zé Caetano se lembrou  
De quando era menino  
Seu Avô lhe ensinou  
A oração dos caçadores  
Caetano ai se animou

Seguiu bem devagarinho  
Rezando forte e animado  
Patriarca Santo Amancio  
Com vosso poder sagrado  
Abrandaí este perigo  
Livraime deste trassado

Santo amancio amañador  
De todo coração duro  
Abrandaí estas correntes  
Que me tange pro escuro  
Alastando estes espiritos  
No presente e no futuro

Já que és em toda parte  
Protetor dos caçadores  
E abrandas com teu poder  
Os biches devoradores  
Defendeime Santo Amancio  
Neste quadro de terrores

Pelo Credo pela Cruz  
E o Pai nosso pequenino  
Cruz na vida cruz na morte  
E o sangue do divino  
Defendei-me Santo Amancio  
Com vosso Sagrado encino

Pelas oras da agonia  
De Jesus Crucificado  
Defendeime Santo Amancio  
Pelo relogio sagrado  
Que serviu como sinal  
A quem vindo encarnado

Nessa CIA as duas tochas  
Uma na outra peitou  
Disse a vcz: quede o Homem?  
A outra voz respondeu  
O Hom m estava entre nós  
O outro Homem tirou

Alí sumiram-se as tochas  
Dentro do despenhadeiro  
O bacureu os morcegos  
Desciam pelo oiteiro  
O canoavel caalhava  
Piava o porcho agoureiro

Zé Caetano alí de pé  
Pensando naquele drama  
Cortou lenha fez um fogo  
Pertinho ageitou a cama  
Abraçado com seu cão  
Deitaram-se os 2 na grama

Assim o dia rompeu  
Dentro daquele dizerto  
Só via serras e mata  
Sem u'a morada perto  
Zé Caetano com seu cão  
Seguia sem rumo certo

Estava completamente  
De seu lar desnortado  
Meio dia ele chegou  
Num arvoredado copado  
Sentou-se naquela sombra  
Com fome cede e o nçado

Prepareu alguns restantes  
De alimento que levava  
Comeu junto com seu cão  
Que muito cansado estava  
Ditou-se ali no sombrio  
Enquanto o sol abrandava

Depois descansou bastante  
E assim que despertou  
Foi avistando um vulto  
Que dele se aproximou  
Um Homem todo estranho  
Pra Zé Caetano falou

Eu venho de muito longe  
Para te auxiliar  
Como amigo e defensor  
Quero te presentiar  
Uma fortuna pra tú  
Viver sem jamais caçar

Pegas essas armas e vai  
Com teu cão em companhia  
Hoje 6 horas da noite  
Antes de morrer o dia  
Encontraraes um cazebre  
Sem ninguém na moradia

No porta tem u'a arvore  
Debaixo está um Carneiro  
Pro lado quele correr  
Depois do fim do terreno.  
Veja onde-efe para  
Você cava bem ligeiro

Aproveite com cuidado

O que ali encontrar

Siga sem olhar pra traz

Cuidado pra não errar

Que o resto de sua vida

Não precisa mais caçar

Zé Gaetano de olhos fitos

No Homem que lhe falava

Sentia um vento nos olhos

Que muito forte soprava

E quando o vento passou

O Homem ali não estava

Gaetano impressionado

Com aquela estranha visão

Seguiu pela mata adiante

Adiante num grutilhão

Encontrou u'a vereda

Seguiu pela direção

Já a tardinha saiu

Em u'a vasta campina

Lá no fim ele avistou

U'a casa pequenina

Arredonda de matos

De ua rãmagem fina

Zé Gaetano aproximou-se

Da casa velha estragada

Pra ver se morava alguém

Naquela velha morada

Com as paredes caindo

De mato toda serçada

Da frente da casa velha.  
Um carneiro levantou-se.  
Olhou pra ele afrontado.  
E a correr destinou-se  
Entre duas pedras altas.  
O animal encantou-se

Caetano disse consigo  
Eu vou ver se é verdade.  
A história daquele estranho.  
E foi pra localidade.  
Começou cavando a terra.  
Com toda facilidade

Com a foice e o facho  
Quele trazia de lado  
Entre as duas grandes pedras.  
Ele cavou com cuidado  
Encontrou um pote velho  
Com calica bem lacrado

Botou-o no ombro e seguiu  
Sem dar atenção a nada  
Foi sair muito distante  
Onde encontrou u'a estrada.  
Que levou ele direto  
Até em sua morada

Porem antes de chegar  
Caetano pensou consigo  
Este pote é um mistério  
Que eu trouxe ele não digo.  
Eu vou deixalo escondido  
Que pode correr perigo

Encontrou toda familia  
Que estava reunida  
Com todos da vizinhança  
Pra ir em a mata em seguida  
Porque julgavam que ele  
Já estivesse sem vida

Zé Caetano ali contou  
Tudo que lhe sucedeu  
Do Passaro as tochas e Vóz  
Tudo lhe apareceu  
Mas a história do Pote  
Dessa vez se esqueceu

Finalmente quando todos  
Haviam se agazalhado  
Zé caetano encaminhou-se  
Pra onde havia deixado  
Por detrsz de um muro velho  
O seu tesouro encantado

E assim que chegou lá  
Com um prazer imorredoro  
Deslacrou o Pote Velho  
Foi encontrando o tesouro  
Mais de 10 quilos somente  
De prata esterlina e ouro

Foi chamar sua familia  
Para mostrar a riqueza  
Que arranjou sem esperar  
Um brinde da natureza  
A velha disse meu Velho  
Morreu a nossa pobreza



Com poucos dias depois  
Deu ligeiro andamento  
A trocar todo seu ouro  
E criar novo apozento  
sem precisar mais caçar  
Na vida de sofrimento

Comprou u'a propriedade  
Com 20 léguas distante  
E ali ele Construiu  
U'a fazenda ia portante  
Onde foi viver feliz  
Daquela data endiante

Foi um grande fazendeiro  
A partir daquela data  
Zelou sua fazenda  
Com paciência exata  
Tendo na frente na placa  
A fazenda Pai da Mata

Fortuna é sorte do berço  
Sublimes páginas de glória  
A pessoa quando nasce  
Lhe acompanha esta vitória  
Em toda estensão da vida  
Sem se arriedar da história

716 -

*Impresso em colaboração com a*  
Universidade Federal de Pernambuco

D. E. I. C.

Departamento e Estensão e Integração Cultural

*Pró Reitoria de Assuntos Comunitarios*

*Original cont. Tomo II - 151*